

Bahia, 12 de março de 1949

Distinto colega A. Ramos.

Por ocasião do nosso rápido encontro, em agosto passado, na Faculdade Nacional de Filosofia, eu não tinha tido ainda a oportunidade de ler o ensaio sobre "renda de bilro" que a sua Sra. e V., tão oportunamente, publicaram. Lembro-me, aliás, de ter visto em 1941, em seu gabinete no antigo edifício da Faculdade, ao Largo do Machado, talvez os primeiros exemplares da coleção de rendas e bicos que serviu de base ao trabalho. Agora, por uma gentileza de Anísio Teixeira, pude ler o livro, que a meu ver cumpre esplendidamente a dupla missão de analisar uma das artes populares mais típicas, embora não autóctone, da nossa civilização cabôcla e, até certo ponto, praieira, e de levantar um grito de alarme contra o abandono dessa indústria.

Ha cerca de três anos venho repetindo á diretora do Instituto Industrial Feminino Visconde de Mauá, órgão da nossa Secretaria da Agricultura, que no interesse de proteger essa linda arte e de levar auxílio ás rendeiras tão exploradas pelas casas comerciais, deveria ela incluir a renda de almofada entre as técnicas que naquele Instituto de ensinam e cujas profissionais são auxiliadas com material, instrumental etc. e com a compra, para revenda, de suas produções. O Instituto, porém, de tem limitado a tipos de artes digamos mais eruditas, a confecções aliás de carregação e outras coisas tidas como mais vendáveis em grande escala. As rendas de almofada fazem no entanto a fortuna dos revendedores á custa da miséria das rendeiras que não têm sequer com que adquirir as linhas. Acresce que essa é sem dúvida um das artes que melhor contribuem para o bom gosto estético entre a nossa gente humilde e que, também, se coaduna mais perfeitamente com os ócios femininos, quiçá com as inclinações de temperamento, com os hábitos de sedentariedade das nossas populações praiieras do nordeste.

Sem nenhuma autoridade para opinar em qualquer sentido, permito-me considerar a contribuição feita por sua Sra. e V. do mais alto valor. Nem outra coisa se poderia esperar. Praza a Deus que outras das nossas artes e indústrias populares encontrem estudos tão profundos e conscienciosos. Aqui, modestamente, vivo a pensar no que se poderia fazer, nem só do ponto de vis-

ta dos estudos antropológicos como do seu valor educacional e utilitário, com todas as demais nossas artes populares, a cerâmica, os trançados de palha, a fiação e tecelagem de rês, etc. Muito embora encarregado apenas da Antropologia física, na F. Filosofia, esses assuntos atraem-me fortemente. Ha anos venho colecionando pítos de barro, desses que os nossos sertanejos usam, com a intenção de escrever pequeno trabalho sobre o seu fabrico, modelos, ornatos e outras características. Possuo já um grande número mas as ocupações não me permitiram ainda tratar do assunto como desejava. Espero concluir a minha monografia sobre povoamento da Bahia, daquela série do IVº centenário da fundação da Cidade do Salvador, para ver se me é possível levar a efeito esse intento.

Agora acaba Anísio de convidar-me a chefiar uma seção de estudos de Antropologia e Ecologia no instituto, que está organizando, para pesquisas educacionais. Teremos inicialmente que fazer um apanhado das áreas de cultura do Estado, tomando como ponto de partida os trabalhos existentes sobre áreas fisiográficas e econômicos. Começando por uma pesquisa bibliográfica, deveremos passar depois a colher amostras regionais para comprovação e esclarecimentos dos dados de leitura e para melhor caracterização de certas zonas. Desse modo poderá a Secretaria de Educação e Saude projetar, em bases científicas, nem só a localização de escolas literárias e profissionais como traçar os programas melhor adaptados ás diversas populações do Estado. Entrarão aí, naturalmente, problemas de antropologia física do escolar e da população em geral.

A tarefa é sedutora, mas muito acima das minhas possibilidades de modo que necessito muito do auxílio, das sugestões e da crítica dos especialistas. É o que lhe venho pedir: que me diga o que pensa desse plano, que tipo de pesquisas lhe ocorrem, que assuntos merecem mais atenção e como abordá-los. Estimaria também que me pudesse indicar estudos do mesmo gênero já publicados, que servissem de roteiro ao nosso trabalho.

Aqui continúa à sua disposição, com um abraço,

*Meu caro Raimundo: sua monografia é um primor, e' ciencia e o rivecaria antropologia. Muito, Thales de Azevedo*  
*Thales de Azevedo*  
Av. Princesa Isabel, 31  
Salvador, BAHIA

*Thales e o ajuste. Com  
Luzinha, para V. e Luiza,  
e as nossas saudações e abraços  
13/3/49 Anísio*